

objecto de estudo, autores como Clemente de Roma, os apologistas gregos, Tertuliano e Fulgêncio, Orígenes, Ambrósio de Milão, Agostinho, a Conferência de Cartago, Santo Efrém e as Igrejas siríacas, São Leão Magno. Como bem nota Marie-Anne Van-  
nier, da sua (re)leitura, como da Sagrada Escritura disse Jesus, pode o teólogo do século XXI «extrair coisas velhas e novas» (cf. Mt 13, 52).

PEDRO DE VILA-NOVA

ASCENSO, Adelino, **Transcultural Theodicy in the fiction of Shusaku Endo**, coll. «Tesi Gregoriana», Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2009, 350 p., 240 x 170, ISBN 978-88-139-0.

Como se deduz da colecção em que se insere este livro, trata-se de uma dissertação de doutoramento na PUG, apresentada em Dezembro de 2008 por um sacerdote português, natural de Leiria e missionário da Boa Nova com actividade no Japão, depois – presumimos – de ter feito estudos teológicos na UCP-Porto.

É um trabalho sobre um escritor católico japonês, Shusaku Endo – perdoe-se-nos a dificuldade técnica de uma transcrição mais exacta – que se inscreve no âmbito da teologia fundamental, partindo da pressuposição de que um dos caminhos possíveis, e porventura mesmo dos mais fecundos, para a investigação naquele âmbito é o que explora a expressão estética da problemática teológica, nomeadamente a da arte e a da literatura. Por ela passa muito das alegrias e tristezas, das angústias e esperanças que removem o coração humano, abrindo brechas de interrogação e clareiras de sentido por onde pode desvelar-se o mistério do sagrado e do divino.

Foi assim que Adelino Ascenso procurou explorar a obra literária de um dos mais relevantes escritores japoneses do século XX, autor de mais de duas centenas de títulos, em que se inscrevem géneros literários e dimensões de escrita de vária ordem: contos, novelas, dramas, biografias críticas, ensaios e diários, entre outros. Tendo naturalmente, em face de obra tão vasta, de limitar o âmbito da sua investigação, explorou hermeneuticamente dez novelas em que perpassam temas teológicos, tais como: a contradição e as tensões entre a cultura monoteísta do Ocidente e o mundo panteístico japonês, o «silêncio de Deus», o sofrimento, o mal, o pecado, a debilidade, a apostasia, a compaixão, a nova imagem de Jesus. Chega à conclusão de que o autor estudado baseia a sua ficção num renovado questionamento antropológico sobre o sentido da existência, bem como na procura e na elaboração de uma nova imagem do cristianismo no interior de uma sociedade secularizada, tanto no Japão como no Ocidente.

A dissertação parece-nos bem estruturada. Com uma introdução ela mesma bem estruturada, o discurso reparte-se por cinco capítulos, versando sucessivamente sobre: a biografia do autor em causa, literatura e fé, a ficção de Shusaku Endo, a teologia de Shusaku Endo, avaliação teológico-fundamental. A propósito do autor em estudo, mas com alcance para toda a teologia fundamental, reveste-se de particular interesse o capítulo II (Literatura e fé), onde Ascenso aborda temas como: a imaginação como linguagem da fé, com especial relação à teologia negativa; literatura e teologia; teologia narrativa, etc. De modo semelhante pode ser considerado o capítulo V (Avaliação teológico-fundamental), com pertinentes reflexões sobre: afectividade ou «*feeling*» como princípio da

experiência espiritual; estética e teologia; literatura como discurso teológico; metáfora como processo teológico dinâmico; o desafio do simbólico; imaginação como realização do possível; experiência religiosa e ficção. No final e na sequência do anterior, Ascenso aponta para uma renovação da teologia.

O texto é complementado, como é normal em dissertações de doutoramento, por uma extensa bibliografia. Contém, além disso, um glossário de termos japoneses, um índice dos nomes citados, outro de citações bíblicas e um índice de temas.

A nossa leitura, à falta de tempo para melhor, foi apenas parcial e bastante «em diagonal». Ficou-nos todavia a impressão de um texto de mérito, que enriquece a produção literária teológico-fundamental e que honra a teologia feita por autores portugueses. Um pequeno reparo apenas: talvez o termo «theodicy» no título pudesse ter sido evitado, atendendo à aceção algo negativa com que é muitas vezes usado (para significar a «justificação de Deus» em face do mal no mundo).

JORGE COUTINHO

GUEVARA, Juan de, O.S.A., **La fe, la Esperanza y la caridad. Comentarios teológicos salmantinos (1569-1572). Texto castellano.** Transcripción, traducción, exposición y notas de Ignacio JERICÓ BERMEJO, col. «Pensamiento» 11, Editorial Agustiniiana, Guadarrama (Madrid), 2009, 1000 p., 220 x 150, ISBN 978-84-95745-77-4 (obra completa), 978-84-95745-80-4 (tomo I).

Este volumoso livro contém a tradução castelhana das lições (*lectiones*) proferidas de viva voz pelo monge agostinho Juan de Gue-

vara, entre 1569 e 1572, na Universidade de Salamanca, onde foi catedrático de Vésperas. Versa sobre as três virtudes teológicas – fé, esperança e caridade –, comentando, conforme o método escolástico, as primeiras questões da *Secunda Secundae* da *Suma Teológica* de S. Tomás. O original do correspondente texto latino, também agora publicado conjuntamente em outro volume, encontra-se na biblioteca geral da Universidade de Coimbra, catalogado como 1835, sendo também conhecido como T 2.

No preâmbulo, o responsável por esta edição crítica explica a dificuldade em identificar o discurso genuíno do autor, uma vez que – além das vicissitudes, mesmo de ordem material, a que os manuscritos estiveram sujeitos no decurso do tempo – grande parte dos textos que neles dão conta das *lectiones* proferidas nas antigas universidades resultam de apontamentos ou mesmo tentativas de passagem a escrito, feitas pelos alunos, daquilo que era «lido» pelo professor nas suas aulas. O caso presente é um desses. De modo semelhante, Ignacio Jericó Bermejo dá-nos conta das dificuldades na transcrição do texto latino, bem como dos critérios e normas que seguiu para o verter em castelhano. Ainda assim, o editor achou que seria uma perda para a cultura não dar à luz da publicidade a riqueza de conteúdos acumulada em manuscritos como este.

Na reflexão que faz sobre a natureza e a génese do manuscrito, entre outros pormenores, coloca a questão de como é que o mesmo terá ido parar a Coimbra. Com fundamento numa nota marginal em língua portuguesa, admite a hipótese de o aluno principal autor material do manuscrito ser um português, estudante em Salamanca.

A opção por editar a tradução castelhana no primeiro volume é intencional. Tem em vista a maior facilidade, hoje com mais